

**QUANDO DURKHEIM ENCONTROU HUSSERL NO MUNDO DA VIDA: UMA
LEITURA A PARTIR DE EDWARD ASHOD TIRYAKIAN**

Alexandre Paz Almeida

alexpazalmeida@phb.uespi.br

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Neste artigo, pretendemos demonstrar a possibilidade de comparação entre o pensamento sociológico de Émile Durkheim e a fenomenologia de Edmund Husserl. Durkheim e Husserl são pensadores inseridos em epistemologias relativamente divergentes, principalmente quando comparados nas tradições *empiristas* e *racionalistas*, que usualmente estabeleceram princípios teóricos de onde provem o conhecimento, no caso do empirismo, fruto da experiência, e do racionalismo, da lógica racional transcendental. Neste sentido, o sociólogo norte americano Edward Ashod Tiryakian (1978, 1979, 2009) conseguiu compreender semelhanças metodológicas entre o pensamento de Durkheim e Husserl, tendo em vista a compreensão das intersubjetividades vivenciadas no mundo da vida (*Lebenswelt*) e dos significados simbólicos construídos sobre as experiências dos indivíduos na vida cotidiana, antes também analisado por Alfred Schutz na sua *sociologia fenomenológica*. Nossas considerações, desse modo, busca apresentar reflexões desenvolvidas por Tiryakian a respeito dessa comparação improvável entre Durkheim e Husserl.

Palavras-chave: Émile Durkheim, Edmund Husserl, Edward Tiryakian, Alfred Schutz. Lebenswelt.

When Durkheim met Husserl in the world of life: a reading from Edward Ashod Tiryakian

Abstract

This article, we intend to demonstrate the possibility of comparing the sociological thought of Émile Durkheim and the phenomenology of Edmund Husserl. Durkheim and Husserl are thinkers within relatively divergent epistemologies, when compared in empiricist and rationalist traditions, which usually established theoretical principles from which knowledge comes, in the case of empiricism, result of experience, and rationalism, from transcendental rational logic. In this sense, the North American sociologist Edward Ashod Tiryakian (1978, 1979, 2009) managed to understand methodological similarities between the thoughts of Durkheim and Husserl, with a view to understanding the intersubjectivities of the world of life (*Lebenswelt*) and the symbolic meanings constructed on the experiences of individuals in everyday life, previously also analyzed by Alfred Schutz in his phenomenological sociology. Our considerations seek to present reflections developed by Tiryakian regarding the unlikely comparison between Durkheim and Husserl.

Keywords: Émile Durkheim, Edmund Husserl, Edward Tiryakian, Alfred Schutz, Lebenswelt.

1 Introdução

Pretendemos, neste artigo, fazer algumas observações metodológicas a respeito da relação epistêmica entre Émile Durkheim e Edmund Husserl, a partir das reflexões pioneiras do sociólogo norte americano Edward Ashod Tiryakian. Tiryakian nasceu em 1929, foi professor de sociologia em várias universidades dos Estados Unidos, se aposentou em 2004 pela Universidade da Carolina do Sul.

É interessante tentar aqui demonstrar esta relação pouco explorada entre o pensamento sociológico de Durkheim e a fenomenologia de Husserl, principalmente sabendo que ambos, aparentemente, estavam de lados opostos no universo epistemológico. Se tradicionalmente Durkheim é lido enquanto um pensador positivista que olhava a funcionalidade normativa da sociedade acima do indivíduo e a sociologia como uma ciência que promoveria a resolução das *patologias sociais*, Husserl viu na consciência individual os processos reflexivos que elucida e determina a *natureza fenomenológica* das coisas.

Em *A ideia da fenomenologia*, Husserl descreve sobre seu novo método que proporciona analisar os significados das coisas tal como são disponíveis a consciência. Esta coisa não é algo exterior ao indivíduo, mas faz parte do *cogitos*, ou seja, da própria significação do ato racional do pensar e sua capacidade intencional inerente a consciência, para Husserl [6, p23] “[...] o aprender e o ter intuitivos e diretos da *cogitatio*s são já um *conhecer*”. Este *conhecer* que Tiryakian busca aproximar Durkheim da fenomenologia, considerando seus os *fatos sociais* segundo as experiências intersubjetivas de cada indivíduo e porventura suas interpretações no *mundo da vida*.

O mundo da vida (*Lebenswelt*) se torna fundamental para se refletir os *approach* teóricos que Tiryakian consegue enxergar entre Husserl e Durkheim, bem como elemento essencial das representações *coletivas e individuais* que possibilita um olhar metodológico de apreciação das estruturas da vida cotidiana, assim como os indivíduos pensam e agem nestas estruturas repletas de significados. Desse modo, ressaltamos que nossa intenção é trazer algumas considerações metodológicas, tendo em vista apontar a viabilidade teórica desenvolvida por esses pensadores em um campo de apreciação empírica.

Pensadores como Alfred Schutz, por exemplo, que será brevemente discutido neste texto, foi um dos pioneiros a conseguir demonstrar uma aplicabilidade da fenomenologia de Husserl na interpretação da vida cotidiana e suas estruturas simbólicas. A visão de Schutz, semelhante com a de Tiryakian, tenta agregar a fenomenologia e a sociologia na utilização epistemológica de observação social, sobretudo nos processos de interações entre o *eu-outro*, mediadas por intersubjetividades¹.

2 Entre Durkheim e Husserl: ou a consciência exterior do mundo da vida

Agnes Heller [5], compreendeu que a experiência da vida se faz por “imposições” legadas ao indivíduo na temporalidade histórica do cotidiano. Falamos de imposição enquanto aceitamos certas condições rotineiras que podem ou não ser compulsória e espontaneamente. Trata-se, de alguma forma, de estruturas subjetivas e objetivas cujo conteúdo simbólico e imaginário, alinhados com a percepção da realidade sobre os processos de dominação, repressão, contenção e poder que nos permite pensar e interpretar o real da vida cotidiana a que estamos acostumados e conformados [5].

Esta interpretação tende a corroborar com ramos distintos do conhecimento científico e filosófico, ao mesmo tempo, assume relevância com os significados atribuídos à compreensão linguística, fenomenológica e hermenêutica, principalmente com pensadores que propõe consistência ao debate sobre como age a consciência do sujeito e como este conduz suas ações e atos espontâneos em um fluxo contínuo da história [4].

Este tipo de reflexão faz parte de um olhar metodológico alicerçado em dois *tipos ideais*², de fundamentos epistemológicos que mantêm vínculo com a chamada *virada linguística* e *fenomenológica*, principalmente aquelas escolas que encontraram nos nomes de Ludwig Wittgenstein e Edmund Husserl, seus principais expoentes.

Tais análises compreendem que a consciência do sujeito se abastece de modelos reflexivos, porém limitados a imperativos adquiridos, seja em um campo do aprendizado linguístico, seja por via de fenômenos produzidos intencionalmente ao ato espontâneo de pensar, disposto na estrutura reflexiva do indivíduo, mas que se mantém aos significados disponíveis no mundo interacional da vida ordinária.

Esta reflexividade, conforme Tiryakian [13], define o esquema metodológico da fenomenologia husseriana, ao se perceber que a *intencionalidade* consiste na ideia de que a

¹ Schutz e Tiryakian demonstraram que o pensamento de Husserl também comprehende além das intersubjetividades, os processos linguísticos interdependentes entre o sujeito e a sua relação com o mundo da vida.

² Aqui usamos tipo ideal segundo a concepção de Max Weber (WEBER, 2000), enquanto instrumento de análise metodológica para uma aproximação lógica de interpretação dos fenômenos sociais.

consciência do sujeito é sobre algum elemento que se encontra exterior. Daí que Tiryakian refletiu sobre algo pouco percebido na intencionalidade fenomenológica, que seria compreender os fenômenos sociais, sobretudo as intenções pelas quais os indivíduos direcionam as atenções aos significados de objetos e dos seus relacionamentos sociais.

Os significados, na fenomenologia husserliana, por mais que esteja focado na consciência individual e na experiência construída na subjetividade do mundo da vida, carrega também as intersubjetividades que torna as experiências compartilhadas socialmente. Essas experiências fazem parte dos *atos* que a *intuição fenomenológica* corresponde a ação da consciência em perceber o objeto e o mundo exterior, ou seja, a consciência reflete sobre aquilo que se encontra fora dela e através dela torna a coisa em *si* e parte do *eu*.

Pensado segundo a *redução fenomenológica* de Husserl (1975), a consciência adquirida, estabelecida numa relação recíproca entre o sujeito e o objeto, viabiliza a expansão criativa do indivíduo em atos espontâneos, porém intencionais, de reflexão e pensamento. Isto quer dizer que o sujeito reflexivo, na fenomenologia *husserliana*, estar, consequentemente, em direção a um exercício contínuo de autoimagem e retorno a si. Logo, a consciência, para Husserl [6], possui o poder de reflexividade onde o sujeito se firma e recria a sua condição existencial. Há, na redução fenomenológica de Husserl [6], como aponta Alfred Schutz [10] [12], principalmente no que este pensador interpreta a partir de um “*cenário cognitivo do mundo da vida*”, as bases fenomenológicas ao entendimento da estrutura da vida social, especificamente da cotidiana.

Não obstante, para Husserl [6] [7], muito mais na aparência óbvia de uma *máxima* como: “todo ato de pensar e todo pensamento é sempre a consciência de alguma coisa”, Husserl analisa que o conhecimento se produz segundo as experiências partilhadas pelo sujeito no fluxo contínuo que a vida produz. É uma tentativa de perceber o que é ou como se funda o conhecimento do sujeito segundo suas interpretações conscientes na experiência cognoscível do mundo da vida e compreender seus significados. Schutz [6], nos mostra que este mundo da vida também funda uma vida cotidiana onde a biográfica do indivíduo faz parte de experiências subjetivas e objetivas reciprocamente.

Subjetividade e objetividade que Husserl [6] [7] entende a partir da redução fenomenológica, colocando em evidência as experiências subjetivas intencionadas na consciência individual, em consonância ao mundo exterior disponível a cada um, mas que mantém uma estrutura simbólica, imaginário e/ou objetificada na reciprocidade entre o *eu* e o *outro*, entre a consciência e o objeto. Deduzimos que a fenomenologia husserliana tem a intenção de mostrar os processos criativos do conhecimento adquirido conscientemente pelo indivíduo, na relação contínua ao mundo da vida com o *eu-nós*, precisamente experiências compartilhadas e apreendidas na vida ordinária [16] :

Toda a vivência intelectiva e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui (*Dies-da*), de cuja existência não tem sentido duvidar [7 p. 55-56].

É simultaneamente neste puro *ver e captar*, no *isto-aqui e isso-acolá*, que Husserl [7] , analisa os processos intencionais da razão real-objetiva (*noesis: ato de perceber*) e do simbólico-subjetivo (*noema: o objeto ou a coisa que se representa*) conservados nas experiências intersubjetivas dos sujeitos.

Neste sentido, a história, a memória, os vínculos de afinidades, assim como as redes de solidariedade e sociabilidade, se dispõe ao ator social segundo motivações e predileções de uma consciência interdependente ao outro, assim como condiz com a experiência e a visão do mundo agregado aos atos do pensamento intersubjetivo, a serviço no e para o sujeito em relação de reciprocidade entre o *noesis* e *noema*. *Noesis* e *noema*, é entendido aqui, na perspectiva de Tiryakian [13] [15], como parte da fenomenologia hursseriana que explora as dimensões *transcendentais* da vida social e os processos ontológicos que funda o mundo interacional aos atos intencionais da consciência individual (*noeses*) sobre aquilo que é observado exterior ao indivíduo (*noema*).

Tiryakian entende que a fenomenologia agregaria um valor epistemológico as ciências sociais, ampliando uma visão mais holística que pudesse integrar tanto as estruturas da sociedade, quanto os significados que os indivíduos atribuem as experiências cognoscíveis dentro dela. Estes significados compõem a síntese teórica de Tiryakian entre o estrutural-funcionalismo de Drukheim e a fenomenologia de Husserl, aplicadas as experiências subjetivas e objetivas entre a díade indivíduo e sociedade. Em resumo, trata-se de um esforço metodológico em que a sociologia de Durkheim e a fenomenologia de Husserl se funda para aprofundar os estudos dos sistemas funcionais da sociedade, assim como os processos subjetivos inerentes aos indivíduos.

A relação entre estrutura social e agência individual também faz parte da tradição das epistemologias que direta ou indiretamente descendem do pensamento *positivista-funcionalista*, sobretudo da sociologia de Durkheim e sua concepção de exterioridade funcional dos fenômenos sociais conforme os substratos da consciência coletiva-individual, ou seja, compreende a definição durkheimiana de *fato social* [1].

É sobre o olhar do fato social durkheimiano que Tiryakian [13] [14] [15], aponta as convergências entre Durkheim e Husserl, quando percebe uma espontaneidade atribuída aos *atos intersubjetivos da consciência coletiva*. Desse modo, os atos representativos da consciência que

faculta a experiência do sujeito ao objeto, em Edmund Husserl, segundo Tiryakian, são análogas à interpretação das representações da consciência coletivas vista por Durkheim.

Cabe aqui ressaltar que por mais que Durkheim tenha direcionado seu projeto sociológico para mostrar formas de manutenção de determinadas disposições consensuais, principalmente no que diz respeito a valores, regras e afinidades morais entre sociedade e indivíduo [1] [2], as intersubjetividades são visíveis nos processos funcionais das solidariedades orgânicas e mecânicas, como demonstra Tiryakian [15] em obras seminais como *Da divisão do trabalho social* e *As formas elementares da vida religiosa* de Durkheim.

[...] has a fundamental continuity with the development of Durkheim's thoughts; in fact, in some respects, it is the culmination of themes he had broached in his earliest essays. In particular, Durkheim had in 1886 outlined the profound interrelationship and interdependence of religion, morality, and social organization, and these themes are the contextual background of his 'middle period'. The background comes to the fore in *The Elementary Forms*, which should be properly seen as much more than a study of the social structures of religion: it is an investigation into the essential structures of social consciousness [15 p. 27]³.

São representações do *eu-outro* conscientemente compartilhadas, figurando uma noção intersubjetiva e interpessoal do *eu-nós* em um social específico. Consequentemente, Durkheim [2], observou que as representações coletivas são concebidas de maneira a gerar um sistema funcional relativamente coeso e normativo, em virtude das pressões que a coercitividade das leis e as regras morais podem ou não se cristalizar em um determinado grupo, ou sociedade.

Todavia, como lembra Tiryakian [13], existe uma proximidade entre o pensamento de Durkheim e Husserl, principalmente ao se entende que as representações coletivas, assim como a intencionalidade da consciência, são compostas por símbolos exteriores ao sujeito. Tais símbolos produzem emoções e possíveis formas de solidariedade que podem ser encontradas tanto nas representações coletivas durkheimiana, ou nas sensações exteriores que fazem parte da noção husserliana de *hylé*, isto é, dos processos subjetivos que compõe a percepção.

[...] há bases intrigantes de convergência entre Durkheim e Edmund Husserl, o fundador da moderna Filosofia Fenomenológica, nascido um ano depois de Durkheim; ambos buscaram um fundamento transcendental para o conhecimento e a razão, e ambos buscaram uma consciência transcendental que não se voltasse para "o outro mundo". Drurkheim buscou essa transcendência na *conscience collective* "a

³ [...] existe uma continuidade fundamental com o desenvolvimento do pensamento de Durkheim, na verdade, em alguns aspectos, é o culminar de temas que ele estudou nos seus primeiros ensaios. Em particular, Durkheim delineou em 1886 a profunda interrelação e interdependência da religião, da moralidade e da organização social, estes temas são o pano de fundo contextual do seu "período intermediário". O pano de fundo se encontra em *As Formas Elementares*, que deveria ser visto como muito mais do que um estudo das estruturas sociais da religião: é uma investigação sobre as estruturas essenciais da consciência social (Tiryakian, 1978, p. 27). *Tradução livre nossa.*

mais alta forma da vida psíquica”, já que é a consciência da consciência. Husserl encontro-a, inicialmente, no ego transcendental; em seus últimos anos, porém, parecia gravitar cada vez mais para posição durkheimiana [13 p. 284] *grifos do autor.*

Ainda segundo Tiryakian [13] [15], o conceito de *Lebenswelt*, interpretado como “mundo da vida”, na fenomenologia de Husserl, permanece análoga com a noção de *conscience collective* de Durkheim, pois ambos buscam estabelecer princípios *apriorísticos* ao entendimento de uma consciência transcendental, resultado, sobretudo, da influência kantiana em seus fundamentos metodológicos para apreensão da realidade, neste caso, transcendental.

Há um diálogo entre a fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, mesmo sob aparente divergências metodológicas, tensionadas nas *ciências sociais* desses pensadores, como mostra Tiryakian [13], quando reduzidas apenas a tradições filosóficas específicas, caso de Durkheim, associado ao positivismo e Husserl a fenomenologia.

Para Tiryakian [13], tanto Durkheim como Husserl asseguraram um projeto de estabelecer um *método* de apreciação da realidade segundo as *essências dos fenômenos* exteriores a própria consciência coletiva e individual, resultado da influência dos *imperativos categóricos* kantianos sobre estes dois pensadores. Tiryakian [13 p. 283] percebe que as representações sociais criadas pela consciência coletiva em Durkheim, semelhantes às *noemata* de Husserl, são estruturas *a priori* construídas em determinado mundo social disponível ao indivíduo, assim como as estruturas do pensamento seriam *a priori* porque sua natureza faz parte de uma coletividade e transcende a vontade individual.

Desse modo, a tratar os fenômenos sociais como *fato social*, exterior a vontade individual e firmados perante julgamentos coercitivos, Durkheim analisa que as representações sociais são realidades fenomênicas, em um sentido próximo ao utilizado por Husserl [13], Tiryakian percebe, no tocante ao mundo da vida e às representações coletivas, assim como na própria noção aparentemente abstrata dos fenômenos sociais observados enquanto “*coisa*”, uma estrutura análoga de pensamento metodológico que intenciona interpretar a realidade social mediante as experiências sensíveis dos sujeitos coletivos e individuais, sejam estas reduzidas *eideticamente*, como fez Husserl, ou tratadas como *coisas*, como compreendeu Durkheim ao elaborar o fato social, nas palavras de Tiryakian [13p. 42]:

When Durkheim said the sociological attitude must treat these phenomena as ‘things,’ he clearly meant not that social phenomena are to be treated as if they were in the same domain as physical ‘entities’ but that they must be approached free from the prejudices of the natural attitude which makes naive assumptions as to how social phenomena are constituted. Hence his injunction ‘all preconceptions must be eradicated’ is of the same methodological import as Husserl’s dictum, ‘to the things

themselves;’ in both, there is an emphasis on the bracketing of the natural attitude if we are to go behind appearances to the ground of reality⁴.

Analizar os fenômenos sociais além das “entidades físicas”, no pensamento sociológico de Durkheim, como mostra Tiryakian, parece ampliar a teoria durkheimiana a um campo de compreensão maior do que seus vínculos epistemológicos ligados a objetividade positivista, bem como demonstra sua perspectiva de um olhar das subjetividades inerentes aos fenômenos sociais, tratados como “coisa”.

Está *coisa*, exterior aos sujeito, do qual fala Durkheim, proporciona sair da visão simplória do *domínio da atitude natural* e suas concepções preestabelecidas, do mesmo modo que Husserl pensava que às *coisas em si* devam ser percebidas na sua própria condição fenomênica do mundo exterior, ou seja, está disponível a interpretação e significado presente à consciência do sujeito. Parece que neste caso, tanto para Durkheim como para Husserl, o sentido do ser (indivíduo) ou do fenômeno (social) são indissociáveis.

A partir das ideias de Tiryakian, buscamos descrever esta aproximação pouco provável entre o pensamento da fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, assim como seu caráter inovador em demonstrar semelhanças metodológicas entre estes dois pensadores, principalmente quando se intenciona compreender a realidade social em suas estruturas fenomênicas e a viabilidade dos significados das intersubjetividades no *mundo da vida (Lebenswelt)*.

Tiryakian [13 p. 293] também descreve a sensível percepção de Durkheim em entender que este mundo da vida agrega experiências de: “sentimentos e afetividades repletos de símbolos compartilhados em estados de afetividades coletivas, como, por exemplo, credos religiosos, orações, etc”. Compreendemos que, no projeto sociológico durkheimiano há uma intenção de analisar a dinâmica social da vida cotidiana sob um olhar sociológico que, como percebeu Tiryakian [13] [14], valorizou os fenômenos sociais das emoções e subjetividades que tendem a manter o exercício da solidariedade e dos vínculos sociais em pleno funcionamento, como, por exemplo, os rituais religiosos demonstrados em *As formas elementares da vida religiosa*.

⁴ Quando Durkheim disse que a atitude sociológica deve tratar os fenômenos como “coisas”, ele não estava dizendo que os fenômenos sociais são percebidos no domínio das “entidades” físicas, mas estudados livres dos preconceitos da atitude natural, que cria suposições ingênuas sobre como os fenômenos sociais são constituídos. Portanto, sua afirmação de que: “todos os preconceitos devem ser erradicados”, é da mesma importância metodológica que o ditado de Husserl: “para as coisas em si”. Em ambos, existe a ênfase na colocação entre parênteses da atitude natural, isto se quisermos ir além das aparências que funda a realidade (TIRYAKIAN, 1978, p. 42). *Tradução livre nossa*.

Já na fenomenologia husserliana, a noção de *Lebenswelt* provém também das representações sociais integrados na dinâmica do cotidiano. Schutz [12] [10], como um importante teórico do pensamento de Husserl e um dos grandes expoentes do uso da fenomenologia nas ciências sociais, percebeu que Husserl chamou de: “sedimentação do significado” [12 p. 74], os processos de experiências conscientes do sujeito, intencionalmente adquiridos ao longo de sua trajetória de vida. Tal trajetória faz parte do “estoque de conhecimento” [12, p.74] adquiridos na vida diária e que, cotidianamente, reconduz o sujeito a acessar atos espontâneos armazenados na memória, fundamentais para manutenção do conhecimento de si e dos demais sujeitos sociais.

Não obstante, se Alfred Schutz enxergou na fenomenologia husserliana as bases para uma interpretação sociológica da vida cotidiana, já não tinha a mesma “simpatia” em relação a Durkheim, mesmo reconhecendo a importância deste em suas teses sobre a cultura e as religiões ditas “primitivas” [11] [8].

É comprensível as críticas de Schutz a Durkheim, talvez mais crítico as tradições ou abordagens metodológicas que se absteve de estudos mais consistentes da “natureza” abstrata e subjetiva intrínseca a realidade social [12] [10]. Todavia, nos trabalhos de Tiryakian [13] [14], como havíamos comentado antes, existe um desconhecimento sobre o olhar fenomenológico a obra de Durkheim e sua preocupação com a subjetividade das relações sociais que, possivelmente, pensadores como Schutz não teria percebido.

Segundo a tradição fenomenológica a que Alfred Schutz estava vinculado e sem negar toda a influência husserliana em ao seu pensamento, podemos entender o esforço teórico e metodológico deste pensador para ampliar a fenomenologia as ciências sociais e o seu reconhecimento pioneiro neste projeto intelectual.

Como enfatizou Luckmann [8], seu discípulo mais proeminente, Schutz buscou, em diálogo constante com a filosofia, com a fenomenologia de Husserl e a sociologia interpretativa de Weber, desenvolver ou aplicar o método fenomenológico a uma “análise descritiva da formação do mundo da vida cotidiana e da experiência humana” [8. p. 8]. Acrescentamos aqui a influência de Henri Bergson ao pensamento de Schutz, pois foi mediante uma leitura bergsoniana, dos processos ininterruptos do tempo vivido na *durée de vie*, que Schutz [10 p.83] enxerga, como exercício de pesquisa: “uma vivência decorrida, desvaidá, acabada, em suma, passada”. Passada porque na *durée*, o sujeito que experimenta a sua biografia, rememora, retrospectivamente, o seu passado no presente condicionado pelo cotidiano [10].

Se preferimos tentar compreender, até o momento, a sociologia durkheimiana a fenomenologia husserliana, foi na intenção de relativizar o debate sobre a interpretação do mundo

da vida, no qual se percebe, na estrutura do *fato social*, bem como na *intencionalidade consciente* das experiências individuais, reflexões complementares sobre os significados da vida ordinária e apreensões intersubjetivas dos sentidos do *homem comum*.

Vale aqui, por fim, descrever uma citação de Durkheim extraída de *As Formas Elementares da Vida Religiosa* [13p. 45-46] para demonstrar seu pensamento metodológico na possibilidade de aplicação epistêmica a interpretação da realidade fenomênica, neste caso específico, no modo como a vida religiosa e sua intersubjetividade simbólica se processa na consciência individual.

[...] Compreende-se desde então como a razão tem o poder de ultrapassar o alcance dos conhecimentos empíricos. Ela não o deve a uma virtude misteriosa qualquer, mas simplesmente ao fato de que, segundo uma formula conhecida, o homem é duplo. Há nele dois seres: um ser individual que tem a sua base no organismo e cujo círculo de ação encontra-se, por isso mesmo, estreitamente limitada, e um ser social que representa em nós a mais alta realidade, na ordem intelectual e moral, que possamos conhecer pela observação, ou seja, a sociedade. Essa dualidade da nossa natureza tem como consequência, na ordem prática, a irredutibilidade do ideal moral ao móbil utilitário, e, na ordem do pensamento, a irredutibilidade da razão à experiência individual.

O achado aqui se está além das formulações epistemológicas clássicas contrárias a confluência entre o empirismo e racionalismo, mostrando, como enfatiza Tiryakian, na sua leitura sobre *As Formas Elementares*, um amadurecimento de Durkheim em entender a importância da religião como um fenômeno social suscetível as interpretações teóricas desprendidas de seu julgamento intelectual, mas enquanto valores essenciais ao desenvolvimento da solidariedade, sua importância para o estreitamento dos vínculos afetivos e do fortalecimento moral dos grupos humanos que tem no *mundo da vida*, o seu modo de existir socialmente e ser coletivamente individual.

3 Considerações finais

Tentamos demonstrar que o conceito de *mundo da vida* (*Lebenswelt*), desenvolvido por Husserl e posteriormente expandido por pensadores como Alfred Schutz, refere-se as experiências dos sujeitos ao universo do cotidiano e seus significados. Tiryakian encontrou no *mundo da vida* uma ponte entre o reino subjetivo da experiência pessoal e as estruturas objetivas que Durkheim analisou, visando o desvelamento das essenciais da consciência coletiva.

A ponte entre Durkheim e Husserl, descrita por Tiryakian, tende a demonstrar uma teoria da vida social que pudesse reconciliar o estruturalismo positivista de Durkheim, com a experiência subjetiva da *Lebenswelt* na fenomenologia husserliana. Este olhar também se mostra crítico porque a sociologia e a filosofia em meados do século XX estavam divididas entre correntes epistemológicas focados na estrutura social e objetividade do mundo social, (por exemplo, Durkheim) e aquelas mais

compreensíveis aos significados subjetivos da experiência individual (vista no olhar de fenomenólogos como Husserl e seus discípulos, caso de Alfred Schutz).

Mais uma vez reforçamos que a síntese de Tiryakian, foi demonstrar elementos epistemológicos que possam estabelecer o diálogo entre a objetividade e subjetividade como exercício metodológico de análise compreensiva das formas sociais, em consonância com as ações dos indivíduos e suas produções de significados.

Neste sentido, por mais que exista certa “distância” metodológica entre tradições fenomenológica, positivista ou estruturalista, podemos apontar a possibilidade da interpretação da realidade social a partir das experiências intersubjetivas, construídas pelos atores sociais nos *sedimentos dos significados*, como enfatiza Schutz [10] [12], inerente a um universo que se processa, aparentemente, imperceptível ao sentido objetivo da consciência individual e que pode ter despertado o interesse de Tiryakian compreender em Durkheim, não só o sociólogo da consciência coletiva subordinada ao “reino social”, mas conectado a ações e crenças de cada indivíduo as suas experiências projetadas na significação da *Lebenswelt*, antes também apreciada por Husserl e fundamental para os pilares da sua fenomenologia.

Referências

1. DURKHEIM, Emile. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.
2. DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: *Martins Fontes*, 1999.
3. DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, *Martins Fontes*, 1989.
4. GADAMER. Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.
5. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
6. HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo, Abril Cultural. 1975.
7. HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.
8. LUCKMANN, Thomas. *Prologo*. In, **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
9. SCHUTZ, Alfred. *Sobre múltiplas realidades*. In, **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE**. V. 18, N° 52, Abril de 2019. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

10. SCHUTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**: Uma introdução à sociologia compreensiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
11. SCHUTZ, Alfred e LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
12. SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.
13. TIRYAKIAN, Edward. “*Emile Durkheim*”. In, Bottomore, Tom e Nisbet, Robert. **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
14. TIRYAKIAN, Edward. **For Durkheim**: essays in historical and cultural sociology. Surrey/United Kingdom: Ashgate Publishing, 2009.
15. Tiryakian, Edward. “Durkheim and Husserl: A comparison of the spirit of positivism and the spirit of phenomenol” (ogy). In J. Bien (Ed.), **Phenomenology and the social sciences**. A dialogue. Martinus Nijhoff, (pp.20-43), 1978,
16. WAGNER, Helmut R. *Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia*. In, **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
17. WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.